

Documentos da Gorongosa

Contradições entre os chefes do banditismo

- O Evo quer honras militares
- O Correia tem «actuações perigosas»

As contradições entre as alas «externa» e «interna» dos dirigentes do banditismo armado em Moçambique são evidentes em parte dos documentos capturados quando as nossas forças armadas, em colaboração com tropas especiais zimbabweanas, tomaram o quartel-general dos terroristas em «Casa Banana» na Gorongosa, em finais de Agosto último.

É assim que aparece a ideia de que a ala «externa» do banditismo, extremamente conotada com pessoas de nacionalidade portuguesa, nem sempre é encarada pela ala «interna» de forma insuspeita.

O secretário-geral Evo Fernandes diz ter direito a continência militar porque é a 2.ª figura da organização e representa o movimento num todo. Diz que respeita a Sua Ex.ª não como comandante-em-chefe supremo mas sim como presidente da Renamo porque o Departamento de defesa e segurança está abaixo das ordens do secretário-geral.

É óbvia a asserção primeira que fizemos. Fernandes sonha com os símbolos do poder, com as honrarias militares, quiçá com uma patente. Não lhe chega a coordenação do movimento terrorista ao seu nível político; quer igualmente a sua consagração ao nível dos operacionais terroristas dentro de Moçambique.

Atentando-se nisso é, todavia, espantoso que um grupo terrorista que

tem uma ala exterior que lhe permite não só a angariação de fundos junto dos governos e das forças políticas que não querem um Moçambique governado soberanamente permita que o seu «departamento de defesa e segurança» seja controlado de fora.

Fernandes parece ser explícito quanto a esse ponto de discórdia que mantém com os militares terroristas porque num dos documentos se pode igualmente ler *que não posso ser escravo do passado, se o ex-secretário-geral não era dado a continência é porque vivia na farma o que é muito diferente comigo.*

Quer dizer, quando Orlando Cristina (o tal ex-secretário-geral do movimento terrorista, morto na sequência de desguisados intestinos numa

farma de treino dentro da África do Sul) mais próximo do palco de operações de banditismo armado em Moçambique não reclamava a continência, o Evo acha que isso era lá com ele salientando que *se os militares não podem prestar continência a mim é porque está errado, exactamente a ele que vive no Continente Europeu.*

É facto que esta revelação do carácter do Evo demonstra igualmente a pouca solidez que encontramos nestas duas alas, a «política» e a «militar», a primeira obviamente sem querer perder terreno à espreita de eventuais partilhas de poder e a tentar impor no estigma da honraria militar um terreno escorregadio e pouco seguro.

Mais revelador ainda destas divisões internas dos chefes do banditismo armado em Moçambique são as considerações tecidas pelo bandido-chefe sobre o papel do Correia, outro cidadão português que tem como função a publicação externa dos actos terroristas e outra propaganda internacional.

Assim numa mensagem trocada entre esse bandido e o Evo pode ler-se o seguinte: *De acordo com as recentes notícias das agências internacionais, dizem que o nosso representante pela Europa, Correia, declarou aos jornalistas internacionais em Lisboa, que houve reuniões em Portugal entre os representantes da Renamo com altos funcionários militares de alta patente da Frelimo, e que também tinha havido recentemente um*

